

Escola de Sociologia e Políticas Públicas

O jornalismo na era Wikileaks

Maria Margarida de Andrade Silva – nº 65693

Unidade Curricular: Jornalismo em Rede, Internet e Sociedade

Docentes: Professor Associado Gustavo Cardoso e José Alberto Carvalho

Pós-Graduação em Jornalismo ISCTE/Media Capital

5 de janeiro de 2014

Índice

Introdução	3
1. Fugas rápidas no ciberespaço	4
2. Obra de Assange	5
3. Os media convencionais conhecem o <i>online</i>	6
3.1. Importância da contextualização.....	6
3.2. Estratégias de fuga e proteção das fontes.....	6
3.3. Relação com os jornalistas	8
4. Wikileaks ao espelho.....	9
4.1. Rotura interna	10
Conclusão	11
Bibliografia.....	12

Introdução

O presente trabalho, realizado no âmbito da unidade curricular de Jornalismo em Rede, Internet e Sociedade, pretende compreender as mudanças no jornalismo após o surgimento da Wikileaks.

Numa sociedade cada vez mais dependente da tecnologia, também o jornalismo e os jornalistas se veem confrontados com novas formas de atuação que seguem o mesmo caminho. A Wikileaks, plataforma de submissão de documentos de forma aberta e gratuita, é um produto desta sociedade tecnológica que transforma o comum dos cidadãos num internauta. O jornalismo, peça essencial num sistema democrático, relaciona-se diretamente com as práticas de informação/divulgação da Wikileaks.

A controvérsia gerada pelos ficheiros secretos divulgados pela organização, nomeadamente, aqueles que dizem respeito à diplomacia americana, provocaram uma brutal onda de interesse por parte dos media. Os jornalistas têm agora uma gigantesca fonte de informação que deixa a descoberto milhares de documentos confidenciais recheados de segredos, principalmente, sobre o governo dos EUA. Para gerir esta situação, Julian Assange, fundador e porta-voz da Wikileaks, cria a certa altura parcerias com a imprensa escrita, fornecendo-lhes informação exclusiva antes de a tornar acessível a todo o ciberespaço. Surge logo aqui uma questão a que queremos responder: a Wikileaks quer assumir-se como uma fonte ou uma colaboradora dos media?

Para tal, é importante compreender a forma como foi tratada a informação proveniente da organização nos meios de comunicação e, ainda, os pontos de vista dos jornalistas face à utilização desta nova plataforma.

O trabalho que aqui se apresenta começa por então, por contextualizar a atividade da Wikileaks dentro do ciberespaço. Explica em que consiste concretamente a ação da plataforma e quem está por detrás dela. O enfoque vai, naturalmente, para a relação estabelecida com os meios de comunicação social, sobretudo, entre a imprensa tradicional e os meios mais tecnológicos de captação e distribuição da informação. Finalmente, explica-se a cultura de cópias e os projetos que nasceram tendo por base a Wikileaks - dois fenómenos que contribuíram grandemente para a disseminação e projeção internacional da organização.

1. Fugas rápidas no ciberespaço

**«O discurso ainda tem poder. E o poder tem medo dele.»
(Assange, 2010)**

A palavra *wiki* significa, na sua origem havaiana, «rápido» ou «imediato». *Leak*, quando traduzida do inglês para o português, designa «fuga». A Wikileaks é uma *drop box* agregadora de ficheiros secretos, que resultam de uma fuga, rápida ou não, de informação. Aberta a todos os indivíduos com acesso ao universo *online*, esta é uma organização de media sem fins lucrativos que tem um objetivo: trazer a público informações e notícias importantes, de forma segura e anónima. Defendem governos abertos e a ausência de censura (Wikileaks, 2007).

O ciberespaço, que aloja a organização, é hoje um depósito de quantidades massivas de informação. Considerado um espaço de comunicação horizontal, com infinitas ligações e uma lógica quase anarquista, o ciberespaço é terreno fértil para o surgimento de iniciativas que propõem novas formas de circulação e de consumo de informação (Araújo, 2011:2). A Wikileaks é um exemplo prático disso mesmo.

Em países com regimes democráticos, a internet é vista e utilizada como um instrumento essencial de expressão, informação e comunicação entre cidadãos. Para muitos, internet e liberdade são hoje sinónimos (Castells, 2003:17). Esta ideologia de liberdade, amplamente difundida na evolução da internet, é aquilo que sustenta atividades como as da Wikileaks. O anonimato, uma das principais preocupações e prioridades da organização, só é garantido através de «mecanismos específicos que fazem com que a informação não deixe rasto» (Araújo, 2011:15). Este tipo de estratégias asseguram o espaço e as ações da Wikileaks na rede.

Paralelamente a este cenário encontra-se a cultura *hacker*. Um *hacker* é um programador informático com conhecimentos profundos sobre sistemas de redes, que acredita na reinvenção da sociedade através do avanço digital e tecnológico (Pacheco, 2011:32). Centrando a sua atividade na partilha de informações relevantes que promovam este progresso, a cultura dos *hackers* tem na liberdade o seu valor fundamental. Ainda neste âmbito, surge um outro conceito: *cracker*. É a própria comunidade que estabelece a divisão entre *hacker* e *cracker*. Este último define um grupo de especialistas com avançado conhecimento informático cujas ações têm como objetivo invadir sistemas de forma ilegal e apropriar-se da informação encontrada

(Araújo, 2011:6). As atividades que envolvem a Wikileaks, poderão passar eventualmente pelo *hacking* e pelo *cracking*.

A verdade é que hoje a internet e o ciberespaço são um mundo descentralizado. Esta característica dificulta e, em muitos casos, impossibilita o controlo da informação (Esteban, 1999:157). A organização estudada no presente trabalho sustenta esta premissa.

2. Obra de Assange

De acordo com Nadeemy Chen (2011:159-162), a história da Wikileaks pode dividir-se em três grandes momentos. Um primeiro que compreende o intervalo entre 2006 e 2009, denominado de «lixreira de informação em bruto». No primeiro semestre de 2010 surgem novos critérios – passa a haver uma produção de informação e um controlo editorial muito mais apertados. «*Collateral Murderer*» é divulgado, precisamente, durante este período – neste vídeo, soldados americanos matam deliberadamente entre doze a dezoito civis iraquianos em Bagdad, ferindo ainda duas crianças, através de um helicóptero. Por fim, na segunda metade do mesmo ano, a Wikileaks passa a negociar com grandes medias *timings* para revelar a informação.

Foi Julian Assange quem, em 2007, fundou oficialmente a Wikileaks. Um ano antes abria a plataforma e começava a «despejar» informação secreta até então recolhida. O australiano, nascido em 1971, é jornalista, ativista e programador informático, tendo sido já acusado pelas suas atividades de *hacker* (Pacheco, 2011:32). Na organização trabalham cinco pessoas em *full-time*, com cerca de 800 colaboradores, espalhados por todo o mundo: programadores, jornalistas, engenheiros informáticos e muitos outros (Pacheco, 2011:31).

No ano de 2010, meses após a divulgação do controverso vídeo «*Collateral Murderer*» que projeta a Wikileaks a nível internacional, a Suécia emite um mandado de detenção internacional: duas mulheres acusam Assange de abuso sexual. O australiano consegue ganhar tempo ao recorrer ao Tribunal Europeu dos Direitos Humanos e obtém, em meados de 2012, asilo na Embaixada do Equador em Londres, impedindo assim o julgamento. É aí que ainda hoje reside.

3. Os media convencionais conhecem o *online*

3.1. Importância da contextualização

Durante três anos, a Wikileaks mantém uma linha editorial pouco vincada ou praticamente inexistente. Entre 2006 e 2009, a informação é despejada em bruto como se de uma lixeira de tratasse (Sifry, 2011, citado por Chen, 2011:159). Em Abril de 2010, a divulgação de «*Collateral Murderer*» preenche os grandes títulos de publicações em todo o mundo. Um verdadeiro ponto de viragem que atrai, sobretudo, os media.

Na «remessa» seguinte, o processo desenrola-se de forma diferente. A Wikileaks tem em sua posse cerca de 92 000 documentos confidenciais que ainda não havia publicado. Os media, de olhos postos na organização, interessam-se de imediato em trabalhar com Assange. The New York Times, The Guardian, Le Monde, El País e Der Spiegel são as publicações escolhidas pela organização para selecionar e analisar os documentos, produzindo uma série de notícias com base nos mesmos.

A 25 de julho de 2010 os cinco jornais e a Wikileaks divulgam em simultâneo as informações relativas aos ficheiros. A organização ativista publica os documentos em bruto enquanto que as publicações, através das notícias redigidas, lhes dão um contexto e facilitam a sua leitura.

Na perspetiva de Chesterman (2011:3), enquanto o jornalismo de investigação se distingue pela qualidade, a organização Wikileaks relaciona-se diretamente com quantidade. Neste caso, o trabalho dos jornalistas é essencial para selecionar a informação mais importante e facilitar a sua compreensão. Por falta de disposição ou de tempo (Pacheco, 2011:33), o cidadão comum necessita que haja um contexto e uma descodificação da informação, sobretudo quando esta existe em grandes quantidades. Dois processos que se concretizam através de uma filtragem jornalística.

3.2. Estratégias de fuga e proteção das fontes

O ano de 2010 é de viragem para a Wikileaks. A parceria com cinco pesos pesados da imprensa mundial permite à organização estabelecer uma nova estratégia: nunca divulgar tudo de uma só vez (Çam, 2011:53). De modo a espicaçar a opinião pública, os restantes media e, nomeadamente, os grandes círculos políticos, a Wikileaks passa a seguir a máxima de «não fornecer todas as notícias ao mesmo tempo e deixar o leitor esperar até ao dia seguinte» (Oskay, 2010 citado por Çam, 2011:53).

No mês de novembro do mesmo ano, a organização revela mais de 250 000 telegramas confidenciais da diplomacia americana. Toda a correspondência divulgada envolve o governo dos EUA e as embaixadas e consulados americanos em todo o mundo. Os documentos revelam a forma como os Estados Unidos lidam com os países aliados e com aqueles que consideram rivais. Expõem ainda as formas de negociação e de pressão que os EUA praticam e as opiniões pessoais dos governantes sobre outros líderes estrangeiros. Um total de 251 287 telegramas são divulgados no seu formato original – situação que à partida não «deveria» acontecer, uma vez que, este tipo de documento constitui «uma comunicação confidencial que é enviada de um posto diplomático para outro, através de uma rede considerada segura» (Pacheco, 2011:34).

Nesta fase, a Wikileaks prossegue com a sua política de cooperação com os cinco jornais. A colaboração entre os meios de comunicação social tradicionais e os novos media tecnológicos cria uma situação vantajosa para ambos. As notícias geradas a partir do Wikileaks resultam num aumento das vendas dos jornais (Pacheco, 2011:32), uma circunstância que acentua a importância da imprensa escrita e credibiliza as informações reveladas pela organização. Como consequência, surgem segundas investigações que dão continuidade ao trabalho levado a cabo pelos periódicos.

No que respeita a esta «ajuda mútua», Bill Keller, editor executivo do The New York Times, tem um ponto de vista diferente. Para o editor, a organização de Assange surge apenas como fonte, não como colaboradora ou parceira (Chen, 2011:160). Apesar de ser a Wikileaks a permitir o acesso aos documentos secretos, são os jornais que escolhem a informação a transmitir. Para Carlos Yarnoz, subdiretor do El País, os jornalistas que se encontrem por dentro do assunto deverão preocupar-se em manter um distanciamento adequado e ter especial atenção aos nomes visados nos documentos. A proteção das fontes é um dos princípios fundamentais do jornalismo, que no caso Wikileaks ainda gera muita polémica.

Chesterman (2011:2,3) defende que se devem proteger três elementos diferentes: as fontes, a identidade das pessoas implícitas nos documentos e a informação confidencial fornecida pelos governos. Se a ação de Julian Assange se pautasse por princípios semelhantes, a Wikileaks não teria publicado os documentos no formato em que o fez. Aliás, esta ampla proteção vai contra os ideais de liberdade de expressão, liberdade de imprensa e de promoção de governos abertos, sustentados pela organização de Assanje.

Por outro lado, Castells (2010) argumenta que este tipo de fugas e outros despejos de informação são a verdadeira «fonte do jornalismo». Para o autor espanhol, a internet enquanto meio de comunicação, «está protegida pelo princípio constitucional da liberdade de expressão e os veículos e jornalistas deveriam defender a Wikileaks».

3.3. Relação com os jornalistas

Em outubro de 2006 ocorre a primeira grande fuga de informação. A Wikileaks divulga documentos secretos do Tribunal Islâmico Somali, que datam de novembro do ano anterior, com um detalhado memorando sobre a política de guerra civil. É também neste momento que a Wikileaks tenta pela primeira vez atrair atenção dos media. Envia informações para *mailing lists* com contactos da imprensa mas todos os esforços fracassam (Lynch, 2010:312). Por não ser oficial e por ter características que lhe conferem pouca credibilidade, o *website* da Wikileaks não contribui para a difusão dos documentos e da própria plataforma (permite corrigir os artigos submetidos, sujeitando-os a alterações constantes). Ainda assim, é nestas circunstâncias que muitos jornalistas têm conhecimento da existência da organização.

Neste início de relação entre jornalistas e Wikileaks, o principal alvo da atenção dos media é o *website* propriamente dito e não o conteúdo que alberga. Esta ligação desenrola-se e o cenário altera-se. De acordo com Lynch (2010:313-315), a partir de 2007 os jornalistas olham a organização de duas formas diferentes. Alguns profissionais têm na Wikileaks uma importante fonte de informação e uma ferramenta de apoio ao trabalho que realizam. Por outro lado, há jornalistas que não utilizam a plataforma e que a vêem apenas como fonte útil para um determinado momento, «*one-time story source*» (Lynch, 2010:315).

Os profissionais que se revêm nesta última forma de utilização da plataforma alertam que a Wikileaks pode, de facto, vir a servir como fonte para a investigação jornalística caso se consiga credibilizar e reunir informação passível de se tornar notícia. No geral, os jornalistas parecem pensar na plataforma não como agregadora de informações novas mas sim, como um repositório seguro de documentos (Lynch, 2010:315).

Nos anos que se seguem, principalmente em 2010, a Wikileaks trabalha no sentido de ganhar credibilidade. A cooperação com a imprensa escrita é resultado disso mesmo. A divulgação dos 250 000 telegramas secretos da diplomacia dos EUA

em conjunto com cinco grandes jornais, em novembro desse ano, contribui para alcançar o objetivo estabelecido.

Lê-se no *website* do Wikileaks que entre as fontes anónimas que compõem a rede da organização estão jornalistas profissionais. Em vários casos, a organização opta por divulgar os ficheiros secretos juntamente com uma análise e contextualização sobre os mesmos. Esta parte do trabalho é feita por jornalistas e por outros voluntários que colaboram com a plataforma (Wikileaks, 2007).

Os jornalistas estão cada vez mais envolvidos com a Wikileaks. Muitos profissionais descarregam na *drop box* documentos que obtém durante as suas investigações. É uma forma de torná-los públicos, sob anonimato e sem temer represálias. Segundo Assange (Lynch, 2010:317), esta é uma prática muito comum, apesar de não haver provas que o confirmem – a política de proteção das fontes da Wikileaks impede que isso aconteça.

4. Wikileaks ao espelho

A partir de novembro de 2010, a Wikileaks lança um outro *website* que agrega todos os telegramas emitidos entre o governo americano e as respetivas embaixadas e consulados. «*Cable Gate*» causa uma polémica tal que, meses depois, as empresas que dominam as transferências bancárias na internet bloqueiam o acesso à Wikileaks, deixando-a sem mais de metade dos fundos que a sustentam. Para além disso, o *website* que aloja o sítio da organização, a Every DNS, desliga a ligação à Wikileaks - a plataforma fica *offline* e inacessível aos utilizadores (Chen, 2011:160).

Este tipo de ações leva a um sentimento de revolta por parte dos internautas, que resulta na criação e disseminação de *websites* espelho (*mirror websites*). Geridos e mantidos, normalmente, por colaboradores da Wikileaks, os *sites* espelho repetem na íntegra os conteúdos da «página mãe» tornando praticamente impossível eliminar na totalidade os documentos divulgados (Araújo, 2011:14).

Os *sites* espelho, para além de se constituírem como uma salvaguarda típica do ciberespaço (Araújo, 2011:14), são uma garantia de sobrevivência dos ficheiros da Wikileaks. Dada a instabilidade do *website* oficial da organização, estas cópias oferecem uma forma segura de retransmitir a informação «despejada» (Abadi, 2010 citado por Chen, 2011:161).

Neste âmbito, é possível encontrar uma relação entre a prática do jornalismo e os *mirrors*. A denominada cultura de cópias tem crescido de tal forma que hoje produz e distribui conteúdo. Poderá estar aqui o grande fator de distinção entre a transmissão de informação no campo *online* e em modelos impressos. Nos últimos, os dois processos não funcionam em conjunto (Chen, 2011:161).

4.1. Rotura interna

A partir de setembro de 2010, os desentendimentos relativamente à gestão de Julian Assange levam a que vários colaboradores abandonem a Wikileaks. Daniel Domscheit-Berg, o principal assistente de Assange desde a fundação da organização, é suspenso pelo porta-voz nesse mesmo mês. Em várias entrevistas, Berg alega que Assange divulgou uma série de documentos confidenciais sem retirar os nomes das fontes que os disponibilizaram, o que pode ter consequências graves para os implicados.

Em resultado do seu afastamento, Daniel Domscheit-Berg e outros dissidentes da Wikileaks, fundam a Openleaks (Pacheco, 2011:35). Num vídeo lançado no final de 2010, Berg explica em que consiste a nova organização. Aqui, ao contrário do que acontece com a Wikileaks, nem todos os utilizadores poderão despejar informação. Jornais que façam investigação, medias locais, uniões de trabalhadores, organizações não-governamentais, grupos defensores dos direitos humanos e outros informadores dentro do género, serão os aliados preferenciais da Openleaks – serão eles a depositar a informação na plataforma. A estas diferentes organizações caberá analisar os documentos que têm em sua posse e submetê-los para publicação.

Berg assegura que esta nova plataforma não se assume como uma entidade jornalística, mas sim como uma intermediária entre a fonte e os media, que protege ao máximo os interesses de quem fornece informação (Expresso, 2011). A Openleaks não publicará por si própria, funcionando como um repositório seguro de informação e de documentos de outros (Chen, 2011:162). Assim, a organização promove a transparência e a união de interesses comuns.

No vídeo de dezembro de 2010, Daniel Domscheit-Berg assegurou que em janeiro de 2011 iria começar a fase de teste do *website* da Openleaks. Três anos mais tarde, o *site* não está *online* e ainda não surgiu qualquer indício da atividade da organização.

Conclusão

A Wikileaks pode ser encarada, no panorama atual, como uma manifestação cultural recente (Araújo, 2011:15). Também considerada de social, esta manifestação teve e tem consequências, designadamente, a nível político. No que respeita ao jornalismo, os resultados da ação da Wikileaks tiveram um impacto imediato.

As atividades da organização de Assanje podem ter, no futuro, dois efeitos contraditórios. Os governos, perante a ameaça *hacker* (ou *cracker*) de plataformas como a Wikileaks, poderão tornar-se progressivamente mais abertos. Isto porque, como comprovam os telegramas secretos revelados, os governos espiam legal e ilegalmente os seus cidadãos. No entanto, os cidadãos não têm o mesmo poder sobre quem os governa (Castells, 2010). Assim sendo, os estados poderão ter que alterar a sua estratégia de secretismo, promovendo uma política mais aberta e transparente. Para Castells (2010), a ciberguerra começou. Uma guerra entre os estados e a sociedade civil internauta, na qual os governos nunca mais conseguirão garantir que os seus cidadãos se mantêm na ignorância quanto às suas ações e políticas.

Por outro lado, pode acontecer precisamente o contrário. Os governos estão cada vez mais alarmados – qualquer documento diplomático é passível de ser divulgado publicamente, ainda que esteja classificado como confidencial ou secreto. Pode gerar-se, dentro das administrações dos estados, um secretismo ainda maior e mais cuidados em relação ao que se deixa por escrito (Chesterman, 2011:4). A Wikileaks, ao invés de transparência, poderá estar a promover um clima de desconfiança e medo que leva a mais secretismo e menos abertura.

No campo do jornalismo, o caso Wikileaks pode ser visto de duas perspectivas. Para a organização, os jornalistas tiveram e têm um papel importante, senão fundamental, para a projeção internacional da Wikileaks e para a disseminação dos seus conteúdos. Em contrapartida, e em resposta à pergunta formulada na Introdução deste trabalho, a plataforma é encarada e utilizada no jornalismo como fonte de informação. A Wikileaks não é uma colaboradora - constitui-se como uma importante fonte/armazém de documentos, que serve hoje de base a investigações jornalísticas. Perante este cenário, é possível afirmar que, em termos práticos, pouco mudou na forma de fazer jornalismo. A grande diferença entre o jornalismo atual e aquele que se praticava antes da fundação da organização em 2007, reside no facto de hoje haver mais uma fonte de informação à qual qualquer jornalista (e qualquer outro cibernauta) pode aceder – a Wikileaks.

Bibliografia

Pacheco, Liliana (2011). *Wikileaks e Internet: O que poderá mudar no jornalismo a partir daqui*. Lisboa: Instituto Universitario de Lisboa (ISCTE-IUL)

Artigos online:

Araújo, Fernandes Willian (2011). *Caso Wikileaks – Dinamicas sociais de uma ‘Ciberguerra’*. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2011/resumos/R25-0385-1.pdf>,

consultado a 20-12-2013

Assange, Julian (2010). *Julian Assange answers your questions*. Disponível em:

<http://www.theguardian.com/world/blog/2010/dec/03/julian-assange-wikileaks>;

consultado a 26-12-2013

Çam, Aydin (2011). *Journalism after Wikileaks experience*. Disponível em:

http://www.sobiad.org/eJOURNALS/journal_IJSS/archives/2011_1/aydin_cam.pdf,

consultado a 20-12-2013

Castells, Manuel (2003). *Internet, libertad y sociedad: una perspectiva analítica*.

Disponível em <http://polis.revues.org/7145>, consultado a 16-12-2013

Castells, Manuel (2010). *A ciberguerra do Wikileaks*. Disponível em:

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a-ciberguerra-do-wikileaks>,

consultado a 20-12-2013

Chen, Nadeemy (2011). *Wikileaks and its Spinoffs: new models of journalism or the new media gatekeepers?* Disponível em:

http://ses.library.usyd.edu.au/bitstream/2123/8135/1/DRPJournal_5pm_S1_2011.pdf#page=85, consultado a 20-10-2013

Chesterman, Simon (2011). *Wikileaks and the Future of Diplomacy. The revelations of Wikileaks will lead to more secrecy, not less*. Disponível em:

<http://ssrn.com/abstract=1864661>, consultado a 20-12-2013

Esteban, Maria Luisa Fernandez (1999). *La regulación de la libertad de expresión en internet en estados unidos y en la Unión Europea*. Disponível em:

<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=27544&orden=0&info=link>, consultado

a 20-12-2013

Expresso (2011, 12 de agosto). *Daniel Domscheit-Berg: "Protegemos os interesses das fontes de informação"* (vídeo). Disponível em: <http://expresso.sapo.pt/daniel-domscheit-berg-protegemos-os-interesses-das-fontes-de-informacao-video=f667849>, consultado a 23-12-2013

France 24 (2010, 27 de julho). *Leaked video shows US military killing of civilians, Reuters staff*. Disponível em: <http://www.france24.com/en/20100406-leaked-video-shows-us-military-killing-civilians-reuters-staff/>, consultado a 26-12-2013

Lynch, Lisa (2010). *We're going to crack the world open*. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/17512781003640752>, consultado a 26-12-2013

The New York Times (2011, 18 de fevereiro). *Questions for Daniel Domscheit-Berg. Exit Interview*. Disponível em: http://www.nytimes.com/2011/02/20/magazine/20FOB-Q4-t.html?_r=1&, consultado a 26-12-2013

Vimeo (2010, 13 de dezembro). *Openleaks 101*. Disponível em: <http://vimeo.com/17850593>, consultado a 23-12-2013

Wikileaks (2007). *About*. Disponível em: <http://wikileaks.org/About.html>, consultado a 20-12-2013